

Impressões de véspera

Paulo Timm .

O processo eleitoral correu satisfatoriamente no Brasil, apesar das manipulações dos fakenews, não restritas ao nosso país. Vamos ter que aprender a lidar com isso no futuro.

Quanto aos resultados, demonstram que o país é bastante dividido entre esquerda x direita. Nas últimas eleições a maioria ficou com a esquerda. Desta vez, talvez fique com a direita, ou o que se parece com um e outro, com pequena diferença entre um e outro. O país, enfim, está dividido ideologicamente, o que não é ruim como muitos pensam. Ruim é a intolerância e pior ainda o recurso à violência na defesa das posições. Ainda chegaremos ao ponto em que estão Portugal e Chile, onde as diferenças, profundas, são partes da vida pública.

A direita, porém, sofreu maiores traumas do que a esquerda.

Vejam os:

A hegemonia da direita voltou aos setores mais afinados com o discurso autoritário, praticamente destruindo o PSDB, que desde 2004 se afirmara sobre velhas lideranças oriundas do regime militar. Acresça-se ao desempenho pessoal de Bolsonaro neste processo, encarnando não apenas uma imagem de anti-sistema, mas também sua articulação com grandes massas evangélicas afinadas com sua defesa da família tradicional e valores conservadores, a emergência de dois Partidos de direita, o Novo, de Amoedo, e o PSL, do próprio Bolsonaro, com uma bancada que tenderá ser a maior da Câmara dos Deputados e alguns Governadores de importantes Estados, mormente Minas Gerais.

A esquerda, mesmo se for derrotada, sai vitoriosa, com amplo apoio em margem considerável do eleitorado brasileiro. Segue, na esquerda, a hegemonia do PT, tendo feito uma grande bancada na Câmara e reafirmando seu controle, junto com PCdoB no Maranhão e em vários Estados. Quebrou a cara quem imaginou que a LAVAJATO destruiria o PT. Abateu, sim, algumas lideranças, mas o Partido vai dar trabalho por muitos anos, distante de Haddad.

O PDT e Ciro Gomes cresceram no cenário nacional, mas falta-lhes maior envergadura orgânica interna e de relações com a Sociedade Civil e Inteligência nacionais para disputar com o PT a liderança na Oposição. Não obstante, tudo indica que Ciro se preservou para tentar voltar em 2022 como um candidato viável. O PSB poderá, entretanto, ter um novo papel a partir de uma eventual vitória de França em São Paulo, provavelmente em aliança com PDT, Marina, PPS e alguma outra agremiação de centro esquerda que emerja neste processo.

Com o deslocamento da hegemonia da direita para um extremo francamente autoritário e a incapacidade do PT em construir uma Frente Democrática, com participação de liberais, empresários e classes médias, capaz de lhe fazer frente com folga competitiva, confundiu-se o sentimento anti-sistema com o anti-petismo, debilitando a alternativa HADDAD. Isso levou de roldão o PMDB tradicionalmente vocacionado como fiel da balança, quer no processo eleitoral, quer na construção da governabilidade.

Se Bolsonaro se confirmar como Presidente há apreensões generalizadas, tanto do Mercado, quanto das opiniões externa e interna, sobre seu curso e estabilidade. Seu discurso é anti-sistema político mas não anti-sistema econômico. Sua ideologia é difusa, devendo oscilar entre sentimentos

arraigados de nacionalismo militar, que impõe um mínimo de soberania em decisões estratégicas e corporativas e um vago liberalismo. Deverá, coerente com sua formação militar, a ser fortemente centralizador, sem, contudo capacidade política - técnica e administrativa - para operar como árbitro de decisões conflitantes de seus colaboradores. O mesmo aconteceu com Temer. Viveu indo e voltando sobre questões cruciais, sem ter clareza sobre o melhor caminho. Resta, neste processo, saber quem o influenciará, à falta de ideologia, partido, colaboradores articulados. Aqui duas vertentes: A família e o próprio Exército. Até que ponto, por exemplo, esta instituição tolerará afundar-se em sua boa imagem na sociedade em decorrência da instabilidade de Bolsonaro? Não creio, pessoalmente, que as Forças Armadas aceitem ser levadas à qualquer aventura golpista.

Quem viver verá...

Não obstante, como me dizem os amigos petistas: Nada está decidido. O PT sempre foi um Partido de chegada e conseguiu nas últimas duas semanas tirar a militância e simpatizantes de casa para ir às ruas. Nunca se viu tanta gente, voluntariamente, nas ruas, nos coletivos, nas praças, dispostas a defender a democracia com HADDAD. Parece que enterramos, mesmo, o passado vergonhoso das campanhas milionárias financiadas com desvios de recursos públicos...

VIVA A DEMOCRACIA!

Lições das eleições presidenciais

Na quinta feira anterior ao domingo das eleições, dia 4 de outubro, assistimos aos últimos acordes dos candidatos à Presidência, neste ano da graça de 2018. Terá acabado o programa eleitoral dito gratuito, porque pago pelo Governo, no rádio e televisão, que chega aos mais recônditos grotões do território geográfico e social do país. E os candidatos terse-ão confrontado pela última vez, tal como nas últimas eleições, na telinha da Globo. Reta final, na qual é sempre possível alguma surpresa. A tendência mostra dois vencedores no primeiro turno: Bolsonaro, pela direita, x Haddad, pela esquerda, com uma diferença de 10 pontos, aproximadamente, a favor do primeiro. As surpresas poderão ser uma eventual vitória de Bolsonaro no primeiro turno ou uma ultrapassagem, de última hora, de Ciro Gomes, do PDT, sobre o petista. Afinal, chegamos às urnas com quase um terço dos eleitores ainda inseguros quanto à sua participação. Vai que... Ambas alternativas, entretanto, dadas como improváveis, embora possíveis. Bolsonaro e Ciro foram, enfim, foram os protagonistas com melhor performance pessoal na atual campanha. Podem surpreender.

Quais as lições que podemos tirar desta eleição presidencial?

Persiste, entre nós, o embate entre duas visões de mundo: Conservadores versus Progressistas, nome mais geral para identificar, respectivamente, direita e esquerda. Conservadores são mais identificados com a manutenção da ordem, seja ela social, cultural ou econômica. Reagem ao ritmo das transformações, hoje alimentados pelos 20 milhões de evangélicos. Progressistas, como o nome sugere, são mais favoráveis às mudanças, que identificam como progresso, em quaisquer dos âmbitos da

sociedade. . Uns e outros mudam de fisionomia, mas subsistem, nos seus vários tons – menos de 50! - no cenário eleitoral, desde 1950.

Naquela época venceu Getúlio Vargas, que era o candidato progressista sob a sigla do Partido Trabalhista Brasileiro. Ganhou, levou, mas não chegou ao fim do mandato, tamanha a campanha conservadora que se abateu sobre ele, que estaria acobertado por um “Mar de Lama”. Curiosamente, à então Oposição, associaram-se os comunistas, que não o viam com bons olhos, desde os tempos que penaram nas prisões a tentativa de derrubar o regime em 1935. Suicidou-se Vargas em 1954, para não ser deposto. Com isso virou a conjuntura, graças à forte comoção social dos trabalhadores urbanos, sob a qual sossobraram os órgãos de imprensa que o combatiam. Vieram as eleições de 1955 e, de novo, o embate entre as duas facções ideológicas, bastante moderadas: Apoiado pela esquerda, reunificada depois da morte de Vargas, JK vence e abre o Brasil para os gloriosos “Anos Dourados”, quando pontificaram a Bossa Nova, o Cinema Novo, as grandes obras das 30 Metas de seu Plano de Governo, sobre o qual erigia-se o produto da ciência e arte da engenharia brasileira, a nova capital, Brasília. Apesar da euforia da época, tropeçam as forças progressistas que apoiavam JK, na sua sucessão, quando apresentaram o General Lott como candidato, ao feitiço da “vassourinha” da direita: Sob o controvertido Jânio Quadros, apoiado pela UDN tendo como Vice, verdadeira loucura, um Vice eleito pela esquerda, João Goulart. Votava-se, então, separadamente, para Presidente e para Vice. Daí o paradoxo. Duram apenas sete meses as ilusões conservadoras. Jânio renuncia, abre-se uma grave crise militar, pela objeção da caserna à posse de Jango, Brizola resiste na Legalidade e, enfim, voltam os progressistas, por linhas tortas, à Presidência, com Goulart para completar o mandato interrompido. Ressentidos, inconformados e radicalizados, os conservadores o derrubam, porém, com apoio militar imbuídos da ideologia da Segurança Nacional da Guerra Fria, em 31 de março de 1964, num dia que se prolongará na escuridão autoritária por 21 anos. Redemocratização e nova campanha presidencial em 1989. Ganham, surpreendentemente, os conservadores, endossando o nome de Collor, numa reedição de Jânio, que derrota um Lula ainda tímido no segundo turno. Abre-se, então, um caminho de grande renovação dos quadros da política nacional, tanto à esquerda, pela projeção do lulo-petismo, quanto da direita, que sufragará Fernando Henrique Cardoso, com ampla penetração nas classes médias urbanas, por duas vezes: em 1994 e 1998. Progressistas e Conservadores, passam, a partir daí, por grandes metamorfoses internas, deslocando-se, cada vez mais, para duas tendências da social-democracia, como inspiração de mudança gradual: O PSDB, de FHC, distante da velha direita militarista e o PT, de Lula, independente dos comunistas e trabalhistas históricos, com apoio da Igreja Católica inspirada na Teologia da Libertação, do novo sindicalismo que se associaria a uma combativa central – CUT - e grande parte da inteligência. Em 2002, 2006, 2010 e 2014 os petistas levam a melhor, mas sucumbem no impeachment da Dilma em 2016, no bojo de uma radicalização cada maior de um e outro lado, com um consequente debilitante do centro.

Em 2018, mais uma vez, assistimos a contenda histórica entre Conservadores e Progressistas, matizada, porém, pela radicalização polarizada das respectivas tonalidades. A direita civilizada globalista do PSDB perde espaço para um novo personagem, Bolsonaro, que personifica, quase sozinho, mas com competência - soterrando as pretensões de aliados ideológicos como Amoedo, Meirelles e Alkmin - o anti-petismo, enquanto o PT, em seus desdobramentos com a

prisão de Lula, opta por uma solução mais esquerda, em aliança com Pcdob como solução à sua própria crise. O velho centro, representado durante toda a redemocratização pelo PMDB se esvai, empurrado à direita pelo Governo Temer, ficando reduzido à menores expressões regionais dissidentes no nordeste. Isso, aliás abriu uma brecha para novas narrativas, como Ciro Gomes, do PDT e Marina Silva, da Rede, ainda carentes de confirmação.

Erram, pois, todos os que insistem que o Brasil nunca teve Partidos. Não só os teve, como fez sua História no embate ideológico entre correntes competitivas.

Ao longo das crises, sempre havia, entretanto, uma opção centrista que apontava, não propriamente para uma conciliação nacional, como foi JK, em 1955, Tancredo Neves, em 1961 e Ulysses, na redemocratização, com epílogo na Constituição Cidadã de 1988, que cumpre, hoje, 30 anos. Mas o Brasil mudou e trouxe no bojo de suas transformações novos desafios. Ao voto, o critério do aprofundamento da democracia-entre-nós e não seu desastre, como muitos, em vários lugares do mundo, já o pressentem.